

HGO admite erro que causou coma

O Hospital Geral Ortopédico (HGO), admitiu ontem o erro que culminou em coma, ainda irreversível, da parturiente Márcia Franco de Oliveira Faria, 29 anos. A falha aconteceu durante a cesariana a que era submetida a paciente, sexta-feira última, quando lhe foi aplicada uma injeção de Pavullon (um curalizante), causando a parada respiratória em Márcia, logo após o parto.

A diretora clínica do hospital, Neli Aguiar de Castro, disse que o medicamento foi confundido com um outro (Dolantina) pela enfermeira Cleci Milane Ribeiro, que auxiliava os médicos durante a cesariana. Ainda segundo a médica, a enfermeira — que trabalha no hospital há quatro meses — justificou a falha dizendo que "a paciente estava muito agitada e aí apliquei nela o Pavullon, achando que era Dolantina (uma droga para dor)".

Logo após a medicação, Márcia sofreu a parada respiratória. Voltou a respirar normalmente, porém em coma. Ela está na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), do hospital onde vem sendo medicada com sedativos. A paciente está sob os cuidados do neurologista Paulo Said, e seu estado de saúde é grave. O bebê, no entanto, está bem e já recebeu alta.

Sindicância

Dizendo que só tomou conhecimento do fato horas depois, a Dra. Neli lamentou o episódio considerado por ela como "inadmissível". Durante a tarde de ontem, ela esteve reunida com a enfermeira Cleci e o presidente da Comissão de Ética do hospital, o cirurgião Leo Carlos de Hildebrand. Cleci não quis comentar o fato com a imprensa, justificando não ter condições psicológicas para tal.



Luis Tajes

Neli diz que "houve confusão"

O hospital, conforme a sua diretora técnica, pretende concluir a sindicância o mais rapidamente possível "a fim de esclarecermos todos os detalhes que envolveram a questão".

Dúvidas

Ao tomar conhecimento, ontem, de que sua esposa havia sido vítima de uma falha praticada por uma enfermeira, o funcionário do Itamaraty Fernando José Faria, 28 anos, demonstrou não estar acreditando muito na versão apresentada pelo hospital. Revoltado, disse que "o que me interessa agora é a saúde de Márcia, lembrando que ela nunca teve qualquer doença mais grave e que esta é a sua terceira cesariana".

Ele e a sogra, Terezinha Ivete, queixaram-se muito da falta de solidariedade da direção do hospital "diante de um fato tão grave assim". Nenhum diretor foi ao quarto para "pelo menos explicar direito o que houve", critica Terezinha. Mas a falta de gentileza não ficou

só nisso, conforme ela: "Logo que minha filha entrou em coma, consultei a cantina sobre se haveria algo para comer e eles mandaram eu ir buscar o lanche na cantina com o dinheiro na mão", disse.

Outro problema aconteceu na hora do acidente, ainda segundo dona Terezinha. Assim que sua filha sofreu a parada respiratória, ela mandou outra filha atrás de um médico. Apavorada, esta sua filha encontrou um médico no terreno mas este se negou a prestar o socorro, dizendo que o problema era do plantonista. "Quando ele resolveu atender já havia se passado vários minutos", denunciou a mãe da paciente.

Ainda naquele momento de pânico, tentaram localizar o ginecologista Paulo Pocheira, que havia feito o parto e deixado o hospital logo após, já que fora ali só fazer a operação, mas nada conseguiram. "Os telefones ficaram mudos", lembra Fernando.

Ele admitiu ter prescrito Dolantina para a paciente "em caso de necessidade". O medicamento foi prescrito para às 21h30, e sua ampola é muito parecida com a da Pavullan. Os dois medicamentos foram levados pela enfermeira Cleci numa bandeja, logo no início da cirurgia, e entregue ao anestesista Dr. Aristel que não foi localizado naquele hospital ontem.

Na hora do acidente, Cleci cuidava da paciente sozinha, já que a outra enfermeira, Aparecida A. Cardoso, estava na ala. Os familiares da vítima voltaram a reafirmar, ontem, o propósito de mover uma ação judicial contra o hospital. Eles garantiram que só não transferiram Márcia para o Hospital de Base "porque ela não tem condições de sair da UTI agora", conforme o seu marido Fernando.